



16º Seminário de Extensão

A EXPERIÊNCIA DO ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO NA INCLUSÃO ESCOLAR EM UMA ESCOLA WALDORF

Autor(es)

MAISA SANTIAGO

Orientador(es)

MAGALI RODRIGUES SERRANO

Resumo Simplificado

O estudo apresentado aqui faz parte do Projeto de extensão: “Assessoria Psicológica ao Processo de Inclusão de uma Escola Associativa da Cidade de Piracicaba”. Objetivou-se relatar e analisar os elementos significativos na tomada de decisão de um Acompanhante Terapêutico (AT) e as características concretas de sua atuação na mediação das relações sociais e educacionais entre um aluno com necessidades educacionais especiais (NEE) e o ambiente escolar. Os sujeitos do estudo foram uma criança (Bil) do sexo masculino, com idade de 09 anos, que possui diagnóstico de Transtorno Global do Desenvolvimento – Autismo e a AT (Marta) do sexo feminino, com idade de 36 anos, estudante de Psicologia e bolsista deste projeto. Dentre os comportamentos de Bil analisados, destaca-se neste resumo o comportamento de rabiscar a folha aleatoriamente. Esse comportamento ocorria em atividades estruturadas relacionadas à escrita (cópia da lousa – texto e desenho), onde a partir da disponibilidade do caderno, ocorria uma cadeia de ações, demonstrando compreensão do aluno sobre o que fazer com o material. Rabiscando a folha Bil produzia um conteúdo disforme e apesar de comportar-se como os demais alunos realizando a atividade, não atingia o objetivo pedagógico da atividade e mantinha um movimento repetitivo de rabiscar. Considerando a complexidade da atividade curricular proposta, assim como as habilidades e repertório prévios necessários que o aluno não dispunha até o momento, este comportamento de Bil parece revelar uma forma de fuga de estimulação aversiva. Percebe-se que o material (giz) e o caderno são estímulos discriminativos para o ato de “escrever-rabiscar”, contudo, o aluno não faz a representação simbólica, transcrevendo da lousa para o caderno o texto apresentado, rabiscando repetitivamente as folhas, não sendo perceptível compreensão pelo mesmo dos conteúdos em lousa ou verbalizados pela professora. Nesta situação a intervenção da AT busca dar forma ao desenho-rabisco do aluno, transformando-o em algo relacionado ao tema/texto da lousa. Por exemplo: canteiro de cereais, espantalho, carriola, ferramentas. A acompanhante narra as próprias ações durante a atividade, descrevendo o desenho construído a partir do rabisco relacionando o mesmo com a aula. Observa-se que através da intervenção da AT, a atividade passa a ter para Bil um significado, pois, uma informação nova se articulou com seu repertório de significação, transformando-se em um novo conhecimento. Quando a AT em sua intervenção acrescenta formas conhecidas aos rabiscos do aluno, relacionando estas formas com o conteúdo pedagógico explorado teórico e prático pela professora, Bil demonstra através de agitação corporal eufórica entendimento da conexão dos elementos apresentados. A partir deste momento, o aluno passa a apresentar um comportamento de interesse em relação à atividade (coloca sua mão sobre a mão da AT ao desenhar, passa a verbalizar solicitando mais material), de modo que a tarefa passou de aversiva para prazerosa. Em sua atuação o AT torna-se uma ponte ou interligação entre o repertório do aluno e a proposta pedagógica trazendo significado e motivação para a atividade a ser desenvolvida.